

Reivindicações são feitas há 14 anos

De 1978 para cá, professores pararam 20 vezes, num total de 407 dias em greve

Nos últimos 14 anos, desde 1978, os professores da rede estadual de ensino pararam 20 vezes, permanecendo ao longo desse período 407 dias em greve. Boa parte das reivindicações, contudo, ainda permanecem as mesmas — e igualmente não atendidas pelos políticos que passaram pelo Palácio dos Bandeirantes.

Exemplo típico é o piso salarial de três salários mínimos para 20 horas semanais, o equivalente a R\$ 210,00 — ou R\$ 300,00 a partir de maio. Esse tópico permanece na pauta do sindicato da categoria, a Apeoesp, há dois anos. Hoje, o menor salário da categoria é de R\$ 141,00 para as mesmas 20 horas semanais.

Cálculos da Apeoesp apontam ainda que os salários dos professores sofreram uma queda de 85,79%. De acordo com esses números, um iniciante no magistério oficial ganhava em março de 1979, durante o governo Maluf, o correspondente hoje a R\$ 992,00. O sindicato, porém, reconhece que todos os trabalhadores sofreram perdas ao longo dos últimos anos e que nenhuma categoria mantém seu poder aquisitivo.

Mesmo assim, a mesma estimativa indica que os salários básicos em março de 1983, início da administração Montoro, representariam hoje R\$ 597,00, tendo sido deprecia- dos em quase 50% no período Maluf. Ainda numa comparação com a atual moeda, quando o ex-governador Orestes Quêrcia assumiu, o piso da categoria era de R\$ 419,00, atin- gindo R\$ 217,00 no momento da posse de Fleury. Com a che- gada do atual governador Má- rio Covas, o mesmo piso era de R\$ 145,00.

Em 1989, os professores passaram 82 dias em greve, com paralisações em dois tur- nos — 2 dias em março e ou- tros 80 entre abril julho. A se- gunda maior manifestação ocorreu em 1993. À época, a categoria deixou de trabalhar 2 dias em maio e outros 79 en- tre agosto e novembro.